



GUERRA NA UCRÂNIA

Reunidas em Londres, autoridades de 16 países, incluindo do Canadá, comprometeram-se a apoiar Kiev com novos repasses financeiros, fortalecimento militar e um plano de paz. Paralelamente, defendem que a Europa amplie sua segurança

Líderes europeus fecham com Zelensky

Após a explosão de ira do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, durante encontro, na Casa Branca, com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, a União Europeia fechou ontem apoio incondicional ao ucraniano. Reunidos em Londres, 18 líderes europeus e o primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, sob o comando do premiê do Reino Unido, Keir Starmer, decidiram cooperar com um plano de paz e fortalecer militarmente a Europa, ampliando a segurança da região. No encontro, o ucraniano foi cumprimentado e abraçado, bem diferente do tratamento que recebeu em Washington. Nos arredores de Downing Street onde ocorria a cúpula, manifestantes protestaram com críticas contra Trump e a favor de Zelensky.

Starmer ressaltou que a Europa enfrenta um “momento único” para consolidar sua “segurança”. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, defendeu mais investimentos para a defesa do continente. “É preciso rearmar a Europa urgentemente”, afirmou a alemã, que prepara um plano para “um longo período de tempo”. Em seguida, ela acrescentou: “É da maior importância que aumentemos os nossos gastos” de defesa na Europa e que “nos preparemos para o pior”, acrescentou Von der Leyen.

O secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), Mark Rutte, comemorou que “mais países europeus vão aumentar seu gasto com defesa”. Para a Ucrânia e Europa, a reaproximação entre Estados Unidos e Rússia pode levar à exclusão da Ucrânia e da Europa das negociações. O tema foi assunto único da pauta da reunião ontem em que estavam presentes representantes da França, da Alemanha, da Dinamarca, da Itália, da Turquia, dos Países Baixos, da Noruega, da Polônia, da Espanha, da Finlândia, da Suécia, da República Tcheca e da Romênia, entre outros.



O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer (C), reiterou que o “momento é único” e anunciou R\$ 16,6 bilhões de repasse para a Ucrânia



Manifestante segura cartaz: “Fique com a Ucrânia”



Encontro com o rei

Dois dias depois de ser expulso da Casa Branca, Volodymyr Zelensky foi recebido, ontem à tarde, pelo rei Charles III, na residência real de Sandringham, em Norfolk, Inglaterra. O líder ucraniano e o monarca se encontraram após a reunião de cúpula entre aliados de Kiev, realizada em Londres. Segundo informações da Sky News, atribuídas ao Palácio de Buckingham, a reunião durou cerca de uma hora. Não foi detalhado o teor da conversa. Zelensky não fez postagens em suas redes sociais sobre o encontro com o rei Charles.

É preciso rearmar a Europa urgentemente

Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia

Indignação

A forma como Trump tratou Zelensky com zombaria e expulsando-o da Casa Branca causou indignação entre os líderes europeus. O primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, era um dos mais inconformados. “No século 21, as relações entre

os países são de alianças, não de vassalagem. A época dos países subordinados acabou. Hoje defendemos uma ordem internacional de países livres, iguais e soberanos. Por isso, defendemos a Ucrânia perante a ameaça neomperialista de Putin”, escreveu o espanhol na rede social X, antes da reunião de Londres.

Para Ursula von der Leyen, é fundamental apoiar a Ucrânia como preservação da democracia e do princípio do Estado de Direito. “Estamos prontos juntos, com vocês, para defender a democracia, defender o princípio de que há um Estado de Direito, e que não se pode invadir o vizinho ou mudar as fronteiras pela força”, acrescentou.

O primeiro-ministro da Polônia, Donald Tusk, disse ontem que o Ocidente deve resistir à “chantagem e agressão” da Rússia, e pediu unidade entre Europa e Estados Unidos em relação à Ucrânia. Ele defendeu o envio de uma mensagem para o presidente russo Vladimir Putin de “que o Ocidente não tem a intenção de

capitular” e fará tudo o que for possível “para garantir que Europa e Estados Unidos falem com uma só voz”.

Porém, o chanceler alemão, Olaf Scholz, afirmou ter esperança de que os Estados Unidos vão continuar apoiando a Ucrânia, após um encontro com aliados em Londres para tratar de novas garantias de segurança na Europa, diante dos temores de um abandono de Washington. “O apoio internacional e transatlântico à Ucrânia é importante para a segurança do país e da Europa”, disse.

Embates

Horas antes da cúpula, Keir Starmer reiterou o empenho dos europeus em um plano de paz entre Ucrânia e Rússia, após três anos de intensos conflitos. “Estamos todos muito comprometidos com um objetivo que queremos alcançar, que é uma paz justa e duradoura na Ucrânia. Acho que é muito importante que evitemos o risco de o Ocidente se dividir”, destacou a primeira-ministra italiana Giorgia Meloni, que conversou separadamente com Zelensky.

O britânico ressaltou que os líderes concordaram em dar uma ajuda financeira para os ucranianos e aumentar a pressão sobre a Rússia. Os britânicos, por exemplo, pretendem repassar 2,26 bilhões de libras esterlinas, o equivalente a R\$ 16,6 bilhões. “Espero que saiba que estaremos todos com você e com o povo da Ucrânia durante o tempo que for necessário. Todos ao redor desta mesa”, disse Starmer ao ucraniano. Depois dos Estados Unidos, a Alemanha é o principal fornecedor de ajuda à Ucrânia, desde a invasão russa, com um total de 44 bilhões de euros, aproximadamente R\$ 267,5 bilhões.

Em momentos distintos, o presidente da França, Emmanuel Macron, defendeu que a União Europeia defina um “financiamento maciço e comum” que represente “centenas de bilhões de euros” para construir uma defesa comum. Porém, não mencionou qual será o valor que os franceses repassará para os ucranianos.

SAÚDE DO PAPA

Francisco agradece orações de fiéis e lamenta conflitos

O papa Francisco dedicou parte da sua mensagem do Angelus, divulgada pelo Vaticano neste domingo, ontem, para fazer um agradecimento a todos os fiéis por suas orações. “Sinto o seu carinho e a sua proximidade, e, neste momento particular, sinto-me ‘carregado’ e apoiado pelo povo de Deus”, expressou o pontífice argentino, internado há 17 dias, no Hospital Gemelli de Roma, para tratar uma pneumonia bilateral.

“Obrigado a todos! Também rezo por vocês. E rezo, acima de tudo, pela paz. Daqui, a guerra parece ainda mais absurda. Rezamos pela atormentada Ucrânia, pela Palestina, Israel, Líbano, Mianmar, Sudão, Kivu”, expressou o jesuíta, de 88 anos.

Desde que foi internado, inicialmente em razão de uma bronquite, Jorge Bergoglio não fez nenhuma aparição pública. Ontem, pela segunda vez, ele recebeu seu secretário de Estado, o cardeal italiano Pietro Parolin, e o venezuelano Edgar Peña Parra, os números 2 e 3 do Vaticano, respectivamente.

De acordo com o boletim divulgado pelo Vaticano, o estado de saúde do papa permanecia “estável” ao longo de todo o domingo. Os médicos ainda avaliam a extensão ao broncoespasmo que ele sofreu, mas as perspectivas são positivas.

Sem consequência

“Não há, pelo menos aparentemente, por enquanto, mais



Daqui, a guerra parece ainda mais absurda”

Papa Francisco

Praça de São Pedro, no Vaticano, lotada de fiéis e turistas: mensagem de paz

consequências em relação à crise de sexta-feira”, disse hoje uma fonte da Santa Sé, que se mostrou cautelosa, uma vez que o quadro

clínico do pontífice continua sendo “complexo”. O papa, 88 anos, “não precisou de ventilação mecânica não invasiva, apenas da

oxigenoterapia de alto fluxo”, acrescentou o comunicado.

Durante todo o período de internação — o maior desde que

ele iniciou o pontificado, em março de 2013 —, Francisco recebeu apoio de líderes de vários países, como Brasil, Venezuela e Estados Unidos, e orações por sua rápida recuperação foram enviadas de Buenos Aires ao hospital romano. Mesmo sem a presença do papa, uma multidão de peregrinos e turistas foi, ontem, à Praça de São Pedro. No sábado, pela sexta noite consecutiva, centenas de fiéis se reuniram no local para rezar um terço pela saúde do líder da Igreja Católica. A chuva insistente fez com que essa “maratona” de orações fosse transferida da Praça São Pedro para o interior da monumental basílica de mesmo nome.

“Rezamos para que ele se recupere, porque o papa Francisco é muito importante para nós, por sua humildade, por sua diversidade [...] Ele nos inspira muito, nos guia”, disse à agência France Presse (AFP) Paolo, um veneziano que visitava Roma junto com sua esposa, Federica, e a filha do casal, Maria Chiara.